

O olhar do estabelecido: A imagem do escravo produzida pelos senhores nos anúncios de jornais do Espírito Santo (1849-1888).

Heloisa Souza Ferreira¹

Neste artigo analisamos as concepções criadas pela elite senhorial acerca dos escravos nos anúncios de jornais. Nestes registros encontramos uma imagem dos cativos descrita conforme a convicção de seus senhores, neles, o escravo assume uma imagem singular de acordo com a percepção de cada proprietário. Ademais, ao expor o “outro” (escravo), o senhor também expõe a si. Dessa forma, juntamente com a literatura que versa sobre a temática examinamos as fontes a luz da perspectiva teórica de E. P. Thompson, pois, seus estudos elucidam uma proposta investigativa para a história da escravidão baseada na experiência dos escravos como atores sociais, reconhecendo-os em sua subjetividade. Além disso, utilizamos as contribuições de Norbert Elias e John L. Scotson, acerca da sociologia das relações de poder que envolvem a questão da alteridade.

Palavras-Chave: Alteridade, Anúncios, Elite senhorial, Subalternos.

Introdução

Embora a produção acadêmica sobre a escravidão componha um vasto conjunto historiográfico, novas possibilidades analíticas têm surgido com a utilização de novos métodos e fontes de pesquisa. A utilização dos jornais para a produção de uma história social da escravidão tem sido um deles. Nesse sentido, é incontestável a inovação realizada por Gilberto Freyre nomeadamente em *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Ao utilizar anúncios de escravos como fontes para se estudar a escravidão, o autor foi o primeiro a realizar um trabalho valendo-se daquele tipo de registro. No prefácio da quarta edição desta obra, Alberto da Costa e Silva chama atenção para o fato de que nenhum trabalho no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa antecedeu o trabalho deste autor.

O próprio Freyre nomeou o seu trabalho como uma anunciologia, distinguindo-o, portanto, dos outros estudos sobre o escravo até então existentes, inclusive ressaltando

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em História das Relações Sociais e Política da Universidade Federal do Espírito Santo, sob orientação do professor Dr. Júlio César Bentivoglio e bolsista CAPES. heloisasfs@hotmail.com.

que pode ser considerada uma “ciência nova”, que consistiria em “esboços de biografias”, “espelhos antropológicos”. Segundo ele:

O anúncio desde o seu aparecimento em jornal, começou a ser história social e, até antropologia cultural, da mais exata e confiável (...). Os anúncios constituiriam uma agência: os agentes seriam de um lado o senhor de escravos, de outro, o próprio escravo a quem poderia ser por vezes atribuída, nas relações dramáticas de que participava, a condição simbólica ou mítica. Tanto a exprimirem motivos, da parte do agente senhoril, de estimar os entes humanos de sua propriedade ativa, quanto a manifestarem motivos do escravo, objeto de anúncios de jornais, quer para se resignar passiva e, por vezes, afetivamente a essa condição – quando apenas expostos à venda ou posto em aluguel – quer para agir ativamente contra ela pela fuga: uma forma de insubmissão ou revolta. (FREYRE, 2010, p.11)

A proposta de Freyre abriu caminhos para que outros trabalhos pudessem se valer dos anúncios de escravos como fontes para se estudar a escravidão, a exemplo desta comunicação, que, ao “dar voz aos anúncios” também dá “voz ao dono”, pois, mais do que uma descrição do escravo, os anúncios representam uma definição do evadido que é feita de acordo com as convicções da elite senhorial, já que os anúncios nos deixam pistas dos sentimentos específicos de cada senhor. Dentre os diversos documentos analisados, encontramos anúncios que expressam sentimentos passionais em relação ao cativo, outros que revelam ira e raiva, havendo também aqueles que revelam um senhor que se sente lesado pela fuga e muitas vezes traído. Nesse sentido, o escravo também assume uma imagem singular de acordo com o sentimento do seu senhor.

Sendo assim, nos dedicamos à análise dos anúncios de escravos, contidos em alguns periódicos do Espírito Santo da segunda metade do século XIX. Os quais são: *Correio da Victoria* (1849-1872), *Jornal da Vitoria* (1864-1869), *O Constitucional* (1885-1889) e o *Espírito Santense* (1870-1899)². Nesses anúncios encontramos breves relatos de senhores de escravos que buscavam noticiar fugas, aluguel, compra ou venda de seus cativos.

Ao todo, foram transcritos 541 anúncios, dos quais 156 se repetem. Restando 385 anúncios, conforme disposto na tabela, a seguir:

² O jornal O Espírito Santense deu início as suas publicações em 1870, cessando suas publicações somente em 1899. Porém devido, ao nosso recorte temporal, utilizamos apenas os anos que vão de 1870 a 1888.

Tabela 1 – Quantidade de Anúncios de escravos pesquisados

Jornais pesquisados	Anúncios de fuga	Anúncios compra/venda/aluguel
Correio da Victoria	88	98
Jornal da Victoria	20	23
O Espírito Santense	122	26
O Constitucional	6	2
Total	236	149

Fontes: *Correio da Victoria* (1849-1850;1854-1859; 1864;1869-1872); *Jornal da Victoria* (1864; 1866;1867;1868); *O Espírito Santense* (1871-1888). *O Constitucional* (1885-1888).

Após a transcrição dos anúncios, analisamos os documentos por meio da elaboração de planilhas e fichas explicativas dos dados condizentes com os nossos objetivos.

Senhores e Escravos: As duas faces de uma mesma moeda

A alusão a moeda feita neste subtítulo se justifica pelo fato de que apesar de senhores e escravos terem sido parte integrante do regime escravista, ou seja, de um mesmo processo, cada classe possuiu sua concepção sobre o cativo. As relações entre senhores e escravos foram pautadas por uma combinação de dominação, conflito, mas também de aliança e convivência pacífica.³ Entretanto, não há consenso quando o tema é escravidão. E embora, o trabalho do historiador prime pela parcialidade, o ressentimento advindo com a escravização de inúmeros seres humanos não passou incólume nos escritos históricos, que ao se apropriar do passado dificilmente se isenta de valores. Assim apelidada de historiografia de protesto, muitos trabalhos buscaram em suas páginas amenizar a dor negra e colocar os escravizados ora numa posição de vitimização, ora numa posição de heroísmo. Essa historiografia também chamada de historiografia de denúncia se pautou por uma visão maniqueísta da história, trabalhando com muitas dicotomias (colônia- metrópole; senhor – escravo). São adeptos desta historiografia autores como Octavio Ianni, José Alípio Goulart, Jacob Gorender, Emília Viotti, Florestan Fernandes e Suely Robles Reis Queiroz. Tais autores apresentam, sem dúvidas, discussões interessantíssimas e bem documentadas a respeito da escravidão. Porém vêem na escravidão um regime hierárquico rígido, pautado por interesses econômicos e que não deixava margem para espaços de negociação.

³ Sobre este assunto ver : REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Obviamente, não descartamos que escravos e senhores vivenciaram constantes situações de conflito, até porque viviam sob um regime de dominação, e como tal, sob a condição de “dominantes e dominados”, naturalmente concorreu para a existência de inúmeros conflitos de ordem emocional, para ambos. Porém, como já afirmamos outrora, esses conflitos operavam dentro de um consenso a respeito do que eram práticas legítimas e ilegítimas no mundo escravista. Pois, como afirma Mariza Soares de Carvalho:

A sociedade apresenta determinadas regras e limites para a organização dos grupos e que os indivíduos aprendem a se mover no interior dessas regras de forma a criar alternativas de convivência ou contestação, de acordo com as condições particulares, que cada caso oferece. Nem existe uma determinação absoluta das normas, nem tampouco uma autonomia irrefreável das vontades individuais. Assim, se de um lado são impostas aos pretos as rígidas normas da sociedade estamental, de outro lhes é franqueado um infundável rol de atalhos por onde as pessoas têm acesso a distinções e dignidades, em diferentes esferas. (SOARES, 2000, P.165).

Consoante Norbert Elias e John Scotson o termo *estabelecido* é utilizado para designar grupos e indivíduos que ocupam posição de prestígio e poder, mais do que isso, o grupo dos estabelecidos se autopercebem e são reconhecidos como pessoas da “boa sociedade”. Os membros do grupo dos poderosos pensam a si mesmos e se auto-representam como humanamente superiores. Diante dessa constatação, os autores supracitados elaboram uma problemática, qual seja, de que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença em que são humanos melhores que os outros? Que meio utilizam para impor essa crença? A análise dos autores supracitados nos remetem as relações entre senhores e escravos, pois como afirma Chalhoub “ A escravidão não é uma organização normal da ordem social, a escravidão é uma invenção histórica contrária ao “direito natural”, uma violação do estado natural do homem, inerente ao escravo.(CHALHOUB, 1990, p.131). Ou seja, foi preciso criar mecanismos para que a escravidão fosse legitimada, e imputar inferioridade aos negros foi um deles. A própria denominação *senhor de escravos* ou *dono de escravos*, já denota uma relação de poder, obediência, subserviência e dominação. O autor Márcio de Souza Soares evidencia que:

A gênese da autoridade senhorial deve ser buscada na origem da própria escravidão. O ato de escravização sempre se originou ou foi concebido como uma alternativa à morte imposta aos

inimigos derrotados, sobretudo na guerra. Salvo algumas exceções, o escravo sempre foi por definição aquele que vinha de longe, o estrangeiro a quem era imposta uma espécie de morte social, uma vez que o sujeito escravizado era privado de suas funções e status anteriores para ser introduzido, como escravo, numa outra sociedade. (SOARES, 2009, p.1-17).

Os negros eram vistos como bárbaros, selvagens, animais, possuídos por paixões sem limites⁴ dentre outras características. As reflexões de M. Finley são bastante esclarecedoras acerca desse processo de estigmatização, para ele

O emprego potencial ou efetivo da força bruta é um fator certamente presente, mas não o único. Se o escravo é uma propriedade com a alma, um não – ser que é biologicamente humano, devemos esperar certos procedimentos institucionais que o degradarão e aviltarão sua humanidade, para distingui-lo de seres humanos que não são propriedade. A punição corporal e a tortura constituem procedimentos do gênero. (FINLEY, 1991, p.99).

Consoante Hebe M. Mattos,

O segredo do código paternalista de dominação escravista estava no poder senhorial de transformar em concessão toda e qualquer ampliação do espaço de autonomia dentro do cativeiro. A violência era ainda parte integrante deste sistema, mas passava a responder a certas regras ou expectativas, que acabavam por legitimá-la frente aos próprios escravos. (CASTRO, 1995, p.165).

Para Elias e Scotson, a mecânica da estigmatização não é algo de fácil entendimento, compreende-la significa realizar um exame rigoroso do papel desempenhado pela imagem que cada pessoa faz da posição de seu grupo. Nesse sentido, compreender o status do escravizado significa compreender a mentalidade da elite senhorial,

⁴ Essas são definições feitas por um dos mais reconhecidos defensores da abolição Joaquim Nabuco. Ou seja, ilustres personagens que militaram em favor da abolição, não o fizeram por condenar moralmente a escravidão, assim como nós o fazemos atualmente. Foram homens ligados ao seu tempo e vinculados as concepções vigentes da época. É o caso, por exemplo, do aclamado militante da abolição, Joaquim Nabuco, este entendia que a escravidão não era compatível com um país de ideias liberais, por isso se fazia necessário a extinção do cativeiro. Segundo Maria Alice R. de Carvalho, Nabuco nunca foi um intelectual mobilizado e febril, nem mesmo na juventude. Viveu num contexto de centralização política e participação social quase nula, era plausível que pensasse o abolicionismo como um movimento de brancos. No imaginário popular fica a percepção de Nabuco como um militante aguerrido. Mas, apesar de defender o fim do escravismo, este intelectual não deixou de pensar o negro sob um viés racista, tal qual entendemos atualmente. É o que denominamos de concepção da inferioridade negra. Carvalho, Maria Alice de Rezende. **O quinto século**: André Rebouças e a construção do Brasil. RJ:Revane, 1998. p.37-41.

Ao que se tem notícia, em todas as sociedades escravistas uma das primeiras providências tomadas pelo senhor era mudar o nome de seu novo escravo, como uma alegoria da *morte social* da antiga pessoa e de sua passagem para a nova condição de um ser subjugado. Nesse sentido, o batismo cristão era uma forma de negar a identidade anterior dos cativos de origem africana. (SOARES, 2009, p.2).

Ou seja, a manutenção da escravidão, sobretudo no Brasil, durante tanto tempo só foi possível por que mecanismos de dominação foram efetuados em prol de desqualificar, ou enfatizar a condição dos *outsiders*.

Imagens do outro: O que nos revelam os anúncios de escravos?

De acordo com Norbert Elias e John Scotson os membros do grupo estabelecido, estigmatizam os de outro grupo, não por suas qualidades individuais como pessoas, mas por eles pertencerem a um grupo coletivamente considerado diferente. (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.23). Nesse sentido, percebemos que mesmo estigmatizados, e membros do grupo dos subalternos, os senhores não deixaram de considerar as qualidades individuais dos cativos. Na maioria dos anúncios encontramos uma descrição elogiosa, ou que apontam virtudes, por parte dos senhores aos seus escravos, e isso não se restringe aos anúncios comerciais; até mesmo os anúncios de fuga são carregados de elogios, como: “muito fiel”, “bom lavrador”, “perfeita cozinheira”, “bonita figura”, “forte”, “bem feito de corpo”, “muito habilidoso”, “fisionomia ellegante e bem moralizada”, “é vistoso”, “bem conversado”, “muito finada de corpo” “muito poeta” “figura agradável”, “boa índole”, “carinhosa”, “humilde”, “esperto”, “pernóstico”. É evidente que também encontramos muitos adjetivos negativos como: “arrogante”, “idiotismo”, “mau encarado”, “potroso”. Esses adjetivos, em sua maioria, qualificam o trabalho dos escravizados, o que demonstra que a visão de utilidade dos *outsiders*, figura em consonância com a sua função de realizarem o trabalho manual. Existe uma ênfase, em dizer, “são perfeito no que fazem”, mesmo o trabalho manual sendo visto de forma pejorativa no Brasil colônia e império.

Além das qualificações os anúncios prescrevem características como: nome, idade, cor, sexo, profissão, estatura e características físicas, o que nos permite traçar um perfil dos

escravos que fugiam e dos que eram comercializados. Nos anúncios de “precisa-se alugar” ou “comprar um cativo”, percebemos o perfil que se esperava de um cativo, assim como nos anúncios de venda percebemos a motivação da venda e também do escravo que era vendido. As publicações de venda possuem descrições mais sucintas do que os anúncios de fuga. Os cativos superaram em número os anúncios de escravas. Geralmente, quando havia a idade nesses anúncios, era superior a trinta anos. Contudo, era mais comum ocultar a idade. O preço pretendido pelo vendedor nunca era exposto no jornal, e havia ainda uma preocupação em deixar claro que a compra do cativo não desagradaria ao comprador. Além disso, alguns senhores buscavam alertar em seus anúncios de que a venda não era por motivo de defeitos, a exemplo do anúncio abaixo que avisa de antemão que o motivo da venda é por necessidades financeiras.

VENDE-SE um escravo angola, 18 anos de idade, trabalha de roça sem defeito e nem moléstia, o motivo é por precisar do dinheiro. Quem pretender dirija-se ao Porto dos padres a Bernardo Luiz Ribeiro Bastos.⁵

Os indícios apontam que a venda ocorria ora por questões financeiras, como necessidade de redução de gastos, ora por questões de inabilidade do cativo para o serviço, ora pela idade avançada, físico esgotado ou doenças. Ou até mesmo porque os mesmos já não atendiam às necessidades de seu dono, às vezes até de forma proposital. Raramente, os anúncios comerciais mencionavam que o motivo da venda era por necessidades financeiras, mesmo que esse fosse o motivo. Mais uma vez, quem nos esclarece a esse respeito é Nobert Elias e John Scotson quando explicam que “ A auto-imagem e a auto estima de um indivíduo estão ligadas ao que os outros membros do grupos pensam dele. (ELIAS, SCOTSON, 2000, p.23). Sendo assim, ao anunciar a venda de um escravo, um integrante do grupo estabelecido buscava evidenciar outros motivos que não fosse uma má “saúde financeira”, já que ter escravos significava ter status e poder, por outro lado, conseqüentemente ter que vender um cativo denotava diminuição de poder.

A relação de poder advinda da aquisição de escravos era tão clara, que a primeira coisa que muitos ex-escravos desejam pós liberdade, era adquirir um cativo. Como podemos confirmar, por meio dos estudos de Leila Algrant, para ela

⁵ APEES – Série Jornais - *CORREIO DA VICTORIA*- três de outubro de 1849.

A ideia de que o forro sempre se colocava ao lado do escravo contra o resto da sociedade é bastante questionável. Muitas vezes, o liberto, pela condição de livre, aliava-se à camada dominante, talvez na esperança de se integrar nessa ordem social que lhe era tão hostil. Não só empregavam-se como capitães do mato, perseguindo seus ex-companheiros, como também entregavam voluntariamente mesmo os que não havia fugido (...) Não deixa de parecer estranho um escravo subjugar um elemento de sua própria raça ao cativo, reforçando o sistema que tanto lhe oprimia, ao invés de combatê-lo. Se não era possível comprar um negro, lançavam mão do sistema de aluguel, e ostentavam – no com orgulho nas ruas da cidade. (ALGRANTI, 1988, p.129/142).

Mas, como afirma Geraldo Soares:

A realidade da escravidão era mais complexa do que ela nos apresenta a primeira vista, e a última coisa que devemos fazer é nos enveredarmos por qualquer espécie de julgamento moral sobre as situações vividas pelos nossos personagens históricos (SOARES, 2006, p.16)

Os escravos eram e se portaram na maioria das vezes como *outsiders*, até porque como afirma Martha Rebelatto “ A maioria dos escravos no Brasil não fugiu de seu cativo, ou então o sistema teria entrado em colapso (REBELATTO, 2007, p.81)” As queixas e formas de resistência escrava se operavam dentro de um consenso popular do que era justo. Durante muito tempo, foi evidenciado pela historiografia que o escravo almejava a liberdade. No entanto, não houve um questionamento do que seria a liberdade para os escravos⁶. Pois, como atesta Mariza Soares. “No universo escravista, as esferas de liberdade podem estar nas escolhas dos parceiros conjugais, na frequência aos batuques, em ir e vir pela cidade e na possibilidade de filiar-se e frequentar uma irmandade. (SOARES, 2000, p.166).

Porque fugir? A pergunta é sugestiva e complexa. Não podemos falar em uma única causa preponderante que fosse responsável pela evasão de escravos. Cada fuga representava uma motivação particular, podia ser individual ou coletiva, cada fugitivo possuía um quadro de expectativas que o levava a fuga.

⁶ Atualmente, podemos contar com os estudos seminais de Sidney Chalhoub, nomeadamente em *Visões de Liberdade: Uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. Sobre o que significava ser livre para os cativos

Eduardo Silva e João J. Reis em seus estudos chegaram à conclusão que a escravidão foi pautada por uma relação de negociação e conflito. Sendo assim,

Quando a negociação falhava, ou nem chegava a realizar por intransigência senhorial escrava, abriam-se os caminhos da ruptura. A fuga era um deles. No Brasil assim como em outras partes, os escravos negociaram mais do que lutaram abertamente contra o sistema. O combate à autonomia e a indisciplina escrava, no trabalho e fora dele, se fez através de uma combinação da violência com a negociação, do chicote com a recompensa. Os escravos rompiam a dominação cotidiana por meio de pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal e autonomia cultural.(REIS; SILVA, 1989)

O anúncio abaixo é bastante elucidativo sobre essa “negociação” estabelecida entre senhores e escravos. O escravo Luiz desejoso de obter sua alforria, recebe a permissão do seu senhor para tentar arrumar a quantia necessária para sua liberdade, com um tempo pré estabelecido. Como o prazo acabou e Luiz não retornou, seu senhor o considerou fugido e optou por anunciar a fuga no jornal. Luiz pode ter aproveitado a “brecha” permitida pelo seu senhor, para que ele se ausentasse dos seus serviços para conseguir pecúlio ou ter pedido para ser acoutado por outro senhor, talvez um ex senhor. Assim, ele não estava questionando a sua condição de escravo, mas rejeitando seu dono. É bem plausível que isso tenha acontecido, já que o anunciante não possui dúvida em relação ao seu paradeiro, ao contrário, ele afirma onde o escravo está e ainda cita nomes. Percebemos também, que ao reclamar o escravo evadido, ele também comunica o problema do acoitamento e indiretamente cita o acobertador.

Gratifica-se – Raphael Pereira de Carvalho, declara que, tendo o escravo Luiz, de cor preta, altura regular, cabelo carapinhado, rosto comprido, bons dentes, magro de 34 anos de idade, muito pernóstico, excedido o prazo que lhe fora concedido para apresentar- se ou dar a quantia marcada para sua liberdade, como pedira, considerava-o fugido, e assim protesta com todo o rigor da lei contra quem o tenha acoutado, prevenindo ainda que esse escravo, segundo consta, intitula-se forro, acha-se no município de Vianna no lugar da residência de alguns filhos do seu primitivo Senhor o finado Manoel Martins de Souza. Gratifica-se a quem o trazer ao anunciante nesta Villa ou recolhe-lo à cadeia de Vianna. Linhares, nove de agosto de 1887. Raphael Pereira de Carvalho.⁷

⁷

APEES – Série Jornais – *O Espírito Santense* _ vinte e sete de agosto de 1887.

De acordo com os estudos de Sidney Chalhoub⁸ “ Os negros tinham sua própria concepção do que seria o cativo justo, ou pelo menos tolerável. Consoante Geraldo Soares:

A fuga mais do que a rejeição pura e simples da escravidão nos parece mais uma estratégia de negociações sobre as condições da própria escravidão. A fuga sempre estava associada à uma avaliação por parte do escravo de suas condições enquanto escravo e de suas expectativas em relação à liberdade. Mas não era apenas isso, uma vez que, tendo fugido, o escravo também avaliava a própria liberdade e as condições a ela associadas. Além do mais, escravidão e liberdade não eram tidos pelos escravos como valores absolutos e a fuga não se constituía na linha divisória entre um mundo de desespero e o mundo dos sonhos.(SOARES, 2003, p.70)

Houve escravos que aproveitaram a morte do senhor para fugir, outros fugiam para evitar castigos e intolerâncias, outros que fugiam para se esconder de algum crime ou até mesmo para procurarem um padrinho que os ajudasse numa disputa com o seu senhor, vendas ou transferências inaceitáveis, outros porque não resistiam ao caráter sedutor da fuga. Também foi muito comum às fugas com intuito de reencontrar pessoas da família, separadas pelo tráfico, sobretudo pós 1850 quando intensifica-se o tráfico interprovincial devido a Lei Eusébio de Queiroz. Nos anúncios pesquisados, nos deparamos com alguns senhores que tinham uma noção do paradeiro do fugitivo, era comum os escravos fugirem por sentirem o desejo de ficar próximo aos seus familiares, a exemplo dos anúncios a seguir:

Fugiu no dia 2 do corrente mês, a Manoel da Silva Simões um seu escravo de nome Bernadino, cabra com 40 anos de idade, pintando o cabelo de branco, levou vestido calça de casimira usada, camisa de chita riscada e chapéu de pelo branco: desconfia-se que seguiu-se em direção para o norte, por ter convidado a outro para fugirem **dizendo ter em aldeia velha do norte parentes, aonde podiam ser acoitados:** o negro tem bom expediente, fino talvez se queira intitular liberto, quem o apreender, ou dele der noticia certa, ao anunciante será gratificado, assim como se protesta contra qualquer pessoa que o tenha acoitado.”⁸ (os grifos são nossos)

Fugiu no dia 18 do corrente, a José Francisco Pinto Ribeiro, a sua escrava de nome Isidora, de 40 anos de idade estatura baixa, cor fula, olhos vinhos, pés pequenos. **Desconfia-se que esteja nas imediações da fazenda-Jucuruaba onde tem filhos.** Quem por tanto dela tiver noticia e participar, ou apreende-la será gratificado. E, com todo o rigor da lei, protesta-se contra quem a acoitar. Victória 24 de janeiro de 1871, José Francisco Pinto Ribeiro.”⁹ (Os grifos são nossos).

⁸ APEES – Série Jornais - *CORREIO DA VICTORIA* – dezoito de março de 1857.

⁹ APEES – Série Jornais – *CORREIO DA VICTORIA* – vinte e cinco de janeiro de 1871.

A relação de dominação estabelecida entre senhor – escravo era tão clara para alguns escravos, que quando havia troca ou venda de cativos, muitos não reconheciam os novos senhores, e recorriam as fugas para voltarem para aqueles que reconheciam como tal. Geraldo Soares, pesquisando fugas de cativos na Província do Espírito Santo se depara com essa situação, um escravo que provavelmente não reconhecia seu novo senhor.

O escravo era um praça de policia chamado Quintiliano que teve que ser interrogado, tendo em vista que Manoel José de Calvas Barcellos apresentou queixa reclamando-o como seu escravo. Questionado sobre essa queixa o suspeito respondeu já no inicio de seu depoimento que “o senhor que teve” foi o finado capitão Luiz Manoel de tal. E que era o único senhor que ele reconhecia como seu senhor, o legítimo com o qual fora criado. Quintiliano disse que fugiu porque era maltratado. Mas a razão maior de sua fuga, que transparece em seu depoimento, é que ele não reconhecia seus novos senhores como tais.

Assim como Quintiliano muitos outros tiveram essa mesma postura, em muitos anúncios pesquisados encontramos senhores que colocavam o nome do antigo dono, ao que tudo indica não deveria ser incomum um escravo evadir em busca do ex dono, e o motivo talvez seja o mesmo do escravo Quintiliano, o não reconhecimento do novo senhor. Como podemos observar nos anúncios, a seguir.

Fugiram da vila de Itapemirim e passarão para o norte do rio do mesmo nome, tomando a direção desta cidade, dois escravos, pertencentes ao Exm. Sr, Barão de Itapemirim, a saber: Inocência, estatura regular, rosto comprido, cor fula, nariz afilado, indica ter estado doente, tem pé esquerdo algum tanto inchado de erisipela que teve há pouco tempo, **foi escravo de Desidério Pinto Rangel do Mamoeiro** – Estulano pardo, alto, reforçado, rosto redondo, olho espantado, tem falta de dentes na frente. Da-se 100 \$ rs de gratificação a quem os apreender, podendo ser apresentados nesta cidade a José Marcellino Pereira Vasconcellos ou em Guarapari ao alferes Pedro João de Souza.¹⁰ (os grifos são nossos)

120\$000 réis de gratificação

Fugiu no dia 11 de outubro de 1854, a Monteiro José Furtado de Mendonça, morador do lugar denominado Caju, município da vila de Maricá, um escravo de nome Theodoro, crioulo, idade de 36 anos pouco mais ou menos, estatura baixa, cor fula, barba cerrada, fala com muito desembaraço, e é muito prosa. **Foi esse escravo comprado em Saquarema a D.Matildes Alves Fontes, e por essa razão crê se que ele anda por esse município,**

¹⁰ APEES – Série Jornais - *CORREIO DA VICTORIA* –dois de abril de 1859.

onde tem muitos conhecidos, ou pelo de Macahé onde trabalhou em algum tempo em casa de senhor Misael, ainda quando escravo da dita _ D. Mathildes: Dar-se há pois a gratificação neste prometida, a quem o apreender e levar ao seu dono no lugar acima indicado; ou a Joaquim Luiz Sayão no Porto do Caxias. E protestando-se haver de quem o acoitar todos os dias de serviço que se tem perdido, contando-se daquele em que saio de casa, até o da sua aparição.¹¹ (os grifos são nossos).

Pode ser que a fuga nem estava relacionada à procura do ex dono, mas sim de antigos laços de amizade desfeitos pela venda do escravo. Assim, o dono de Theodoro suspeitava que ele estivesse escondido em seu antigo município aonde possuía muitos amigos, ou ainda em Macahé, lugar onde trabalhou para o senhor Misael, ainda quando escravo de D. Mathildes.

Outro exemplo que desacredita os esquemas rígidos de análise da escravidão pode ser vislumbrado através dos estudos de João José Reis sobre o Quilombo do Oitizeiro.

Neste Quilombo a reivindicação não era pelo fim da escravidão, mas sim pela troca de senhor. O Oitizeiro ficou reconhecido como um acoitamento generalizado, isso por que os coiteros utilizavam de seus contatos nas senzalas da região para seduzir, como se dizia na época, outros escravos à fuga. Lá eles tinham direito a comida, proteção e provavelmente um pedaço de terra em troca de seu trabalho. Ou seja, os escravos que se refugiaram no Oitizeiro não estavam fugindo da escravidão. Eles tinham sua visão tanto da escravidão como da liberdade. Neste caso, a liberdade de escolher a escravidão. A situação de fugitivo não lhes parecia ideal e, nesse sentido, a passagem pelo Oitizeiro representava apenas parte da aventura, um ponto de espera, a esperança de fazer contatos que viessem a resolver seu problema de senhor. (GOMES, 1996, p.358)

Os próprios senhores tinham uma concepção dos motivos que levavam à fuga, nos anúncios abaixo o senhor relata não saber a razão pela fuga do seu escravo. Ou seja, de acordo com um “padrão moral” estabelecidos entre senhores e escravos era compreensível certos atos. Por exemplo, ir ao encontro de um familiar, ser “seduzido”, negar se ao trabalho etc.

50U000- Com esta quantia gratifica-se á pessoa que capturar o escravo Luiz, de propriedade do abaixo assinado, e que houve por compra feita a Sebastião Vieira dos Passos. Os sinais são os seguintes: cor fula, 20 anos de idade, pouco mais ou menos, imberbe quase, pois tem pouca barba em baixo do queixo, um pouco dentuço, rosto comprido, pés grandes e quase sem unhas

¹¹ APEES – Série Jornais - *CORREIO DA VICTORIA* – vinte e cinco de março de 1854,

nos dedos, delgado de corpo, altura regular e cabelos carapinhos. Já veio à casa apadrinhado e no mesmo dia sem razão alguma, fugiu novamente. Desconfia-se que anda para os lados do Porto das Pedras e Tambatahy. Quem o capturar e levar ao seu senhor será gratificado com a quantia acima, protestando-se contra quem o acoitar. José Rodrigues de Freitas.¹²

No dia 11 do corrente evadiu-se sem motivo algum o escravo Firmino de propriedade de D. Maria Leopoldina Ribeiro. Gratifica-se a quem o trouxer, servindo-lhe mesmo de padrinho e entregá-lo nesta cidade ao Sr José da Silva Cabral na rua do Comércio, nº23. Victoria 28 de novembro de 1883.¹³

Para Lilia Schwarcz “a insistência por parte dos senhores em afirmar que os cativos fugiam por terem sido seduzidos, era uma auto-afirmação de supremacia, de propriedade e da dependência do escravo, até mesmo quando a situação de fuga o desmentia. (SCHWARCZ,1987,p.149)”. Concordamos em parte com Schwarcz, pois verificamos que quando o senhor mencionava um possível “sedutor”, também chamado couteiro ou acobertador, ele não estava apenas reivindicando sua autonomia perdida, mas também comunicando um problema, qual seja a utilização de seus cativos por terceiros. Situação verificada por Geraldo Soares, ao analisar o processo do lavrador e bacharel em direito Misael Pena, que foi vítima de uma fuga inesperada por parte de seus escravos.

Misael Pena solicitou providências às autoridades e também acusou vizinhos seus da comarca da Serra de acoitarem escravos. Depois de informar às autoridades que por seus esforços particulares conseguiu a prisão de 17 daqueles seus escravos, o Sr. Misael Pena reforçou as acusações de acoitamento e proteção aos escravos fugitivos por parte de vizinhos de sua fazenda. Partindo segundo ele, de informações e denúncias daqueles seus escravos capturados, acusou, genericamente, vários vizinhos. (SOARES, 2003, p.65)

Diante disso, podemos nos questionar? Os escravos eram tão ingênuos ao ponto de apostar num procedimento, arriscado e perigoso como a fuga e continuarem realizando serviço para outros senhores? Afinal, o que pretendia esses cativos? Desestabilizar o sistema escravista? Reivindicar algum problema? Protestar? Os estudos de Thompson foram muito importantes para nos ajudar a responder essas perguntas, para este autor

¹² APEES – Série Jornais – *O ESPIRITO SANTENSE* _ vinte e três de Dezembro de 1884.

¹³ APEES – Série Jornais – *O ESPIRITO SANTENSE* _ seis de Dezembro de 1883.

“Há um sem número de contextos e situações em que homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida. (THOMPSON, 2002, p.61)”. Seguindo as ideias desse autor, portanto, as ações escravas são vistas neste trabalho sem perder de vista as suas subjetividades e experiências, pois, “eram homens e mulheres que, como escravos impunham limites à vontade senhorial, possuíam ideias e projetos próprios, pelos quais lutavam e conquistavam pequenas e grandes vitórias. (LARA, 1995, p.43-56)”. O ato de fuga era uma brecha, uma alternativa de condições melhores de vida, o que nem sempre esteve associada a luta pelo fim da escravidão, mas que sem dúvida feriu muitas vezes o regime de dominação escravista, prova disso é a preocupação de um sem número de discursos políticos com a fragilidade da ordem, tantas vezes abaladas pelas ações da gente de cor. A imprensa refletia o medo que a população negra causava na elite brasileira, sobretudo nos anos finais do século XIX. Mas, não apenas o medo, os periódicos nos revelam um escravizado que lutou, negociou, desafiou e que sobretudo procurou as melhores formas de viver dentro do sistema.

Conclusão

Tanto os escravos como os senhores tinham sua concepção em relação ao regime escravista. Os anúncios demonstram um senhor prejudicado pela fuga, cujo culpado poderia ser tanto o escravo como um sedutor. Era a esse sedutor que os anúncios também se dirigiam e não apenas as pessoas ligadas com a captura. Nesse sentido, os anúncios de alguma maneira estavam associados a uma idéia constante veiculada nos jornais o direito da propriedade, muitas vezes violado por esses acobertadores.

As descrições minuciosas dos anúncios de fuga foram muito importantes para esse trabalho. Por meio deles, percebemos que mesmo se sentindo lesado pela fuga o senhor não omitia ou buscava desqualificar o cativo, anunciava suas qualidades e seus defeitos. Inclusive buscavam enfatizar nos anúncios de fuga, a esperteza desses escravos, já que se tratando de um escravo “astuto” seria necessária atenção na captura, uma vez que ele poderia se utilizar de artimanhas para permanecer fugido. Os anúncios de venda de escravos também foram importantes nesse trabalho, já que ao relatar as características que esperavam encontrar nos cativos, nos possibilitou perceber o que eles esperavam de um escravo, ou seja, as características que desejavam encontrar.

Bibliografia

ALGRANTI, Leila Mezan. **O feitor ausente**: estudo sobre a escravidão urbana no Rio de Janeiro, 1808-1822. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

CARVALHO, Maria Alice de Rezende. **O quinto século**: André Rebouças e a construção do Brasil. RJ: Revan, 1998.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de. **Das cores do silêncio**: os significados da liberdade no sudeste escravista - Brasil século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FINLEY, M. I. **Escravidão antiga e ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FREYRE, Gilberto. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX**. 4. ed. rev. São Paulo: Global, 2010.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REBELATTO, Martha. O desmantelamento da escravidão, as alforrias e as fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina, década de 1880. In: 3º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional. 2007, Santa Catarina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.labhstc.ufsc.br/pdf2007/50.pdf>. Acesso em: 20/07/2008.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito**: a resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da cor**: identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SOARES, Geraldo Antonio. Quando os escravos fugiam: Províncias do Espírito Santo, última décadas da escravidão. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS.v.XXIX, n.1, p 2003.

SOARES, Geraldo Antonio. Esperanças e desventuras de escravos e libertos em Vitória e seus arredores ao final do século XIX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. vol. 26, n.º 52, p. 115-140.